

## I

Colin acabava de se vestir. Ao sair do banho envolvera-se numa toalha ampla de tecido felpudo, que apenas deixava à mostra as pernas e o tronco. Tirou o vaporizador da prateleira de vidro e pulverizou com óleo fluido e odorífero os cabelos claros. O pente de âmbar reparitiu a cabeleira sedosa em compridos fios cor de laranja, semelhantes aos sulcos que o agricultor brincalhão traça com o garfo na compota de damasco. Colin voltou a pousar o pente, muniu-se do corta-unhas e aparou em bisel os cantos das pálpebras baças, para dar mistério ao olhar. Tinha de fazê-lo vezes sem conta porque voltavam logo a crescer. Acendeu o pequeno candeeiro do espelho de aumento e aproximou-se para verificar o estado da epiderme. Alguns pontos negros despontavam à volta das asas do nariz. Vendo-se tão feios no espelho de aumento esconderam-se rapidamente debaixo da pele, e Colin apagou o candeeiro, satisfeito. Soltou a toalha que lhe cingia os rins e passou uma das pontas entre os dedos dos pés, para absorver os últimos vestígios de humidade. No espelho era possível ver com quem se parecia: o louro que faz o papel de Slim em *Hollywood Canteen*. Tinha a cara redonda, as orelhas pequenas, o nariz direito, a tez dourada. Sorria muitas vezes com um sorriso de bebé, e por causa disso nascera-lhe à força uma covinha no queixo. Era bastante alto, delgado, com pernas compridas e muito amável. O nome de Colin quase lhe ficava bem. Falava com suavidade às raparigas e alegremente aos rapazes. Estava quase sempre bem-humorado, o resto do tempo dormia.

Esvaziou a água do banho fazendo um buraco no fundo da banheira. O chão da casa de banho, com mosaicos de grés céramo amarelo-

-claro, era inclinado e orientava a água para um orifício exatamente situado por cima da secretária do inquilino do andar inferior. Que não tardou em mudar a secretária de sítio, sem prevenir Colin. A água caía agora no aparador.

Enfiou os pés em sandálias de couro de morcego gigante e vestiu um elegante traje caseiro, calças de veludo com nervuras verde-água-muito-profunda e casaco de durante cor de avelã. Pendurou a toalha no enxugador, pousou o tapete de banho na borda da banheira e polvilhou-o com sal grosso para se desfazer de toda a água que lá tinha. O tapete começou a babar-se, formando cachos de bolinhas saponáceas.

Saiu da casa de banho e dirigiu-se à cozinha para acompanhar os últimos preparativos da refeição. Chick, que morava muito perto, todas as noites de segunda-feira vinha jantar. Só era sábado, mas Colin já sentia vontade de ver Chick e dar-lhe a provar a ementa elaborada com alegria serena por Nicolas, o novo cozinheiro. Celibatário como ele, Chick tinha vinte e dois anos, a idade de Colin; tal como ele tinha gostos literários, mas menos dinheiro. Colin possuía fortuna bastante para viver decentemente, sem trabalhar para os outros. Chick, esse, de oito em oito dias tinha de ir ao ministério ver o tio e pedir-lhe dinheiro emprestado porque a profissão de engenheiro não lhe permitia manter-se ao nível dos operários que dirigia, e é difícil dirigir pessoas mais bem vestidas e alimentadas do que nós. Colin ajudava-o quanto podia, convidando-o para jantar todas as vezes que era possível fazê-lo, mas o orgulho de Chick obrigava-o a ser prudente e a não mostrar, com favores demasiado frequentes, que tinha a intenção de o auxiliar.

O corredor da cozinha era claro, envidraçado de ambos os lados, e como Colin gostava de luz brilhava de cada lado um sol. Espalhadas por toda a parte, torneiras de latão cuidadosamente polidas. O brincar dos sóis nas torneiras produzia efeitos feéricos. Os ratos da cozinha gostavam de dançar ao som dos choques dos raios de sol com as torneiras, e corriam atrás das bolinhas que os raios faziam quando chegavam ao chão e se pulverizavam como jatos de mercúrio amarelo. Ao passar, Colin acariciou um dos ratos. Tinha bigodes pretos muito compridos, era cinzento e delgado, lustroso que nem se acreditava. O cozinheiro alimentava-os muito bem,

sem deixar que engordassem de mais. Durante o dia os ratos não faziam barulho, limitavam-se a brincar no corredor.

Colin empurrou a porta esmaltada da cozinha. O cozinheiro Nicolas vigiava o painel dos instrumentos de bordo. Estava sentado à frente de uma estante igualmente esmaltada de amarelo-claro, com mostradores correspondentes aos diversos aparelhos culinários alinhados ao longo das paredes. Regulado para peru assado, o ponteiro do forno elétrico oscilava entre o «quase» e o «pronto». Ia sendo tempo de o retirar. Nicolas carregou num botão verde e pôs a funcionar o apalpador-sensitivo, que penetrou, sem encontrar resistência, e no mesmo instante o ponteiro chegou ao «pronto». Nicolas cortou a corrente do forno com um gesto rápido e ligou o aquece-pratos.

— Estará bom? — perguntou Colin.

— O senhor pode ficar descansado! — afirmou Nicolas. — O peru estava perfeitamente calibrado.

— Que entrada preparou?

— Santo Deus! Pela primeira vez, não fiz inovações — disse Nicolas. — Limitei-me a plagiar o Gouffé<sup>1</sup>.

— Podia ter escolhido um mestre pior! — observou Colin. — E que parte da obra de Gouffé vai reproduzir?

— A que é tratada na página 638 do seu *Livro de Cozinha*. Vou ler a passagem em questão para o senhor ouvir.

Colin sentou-se num tamborete cujo assento era estofado com borracha alveolada sob um oleado de seda a condizer com a cor das paredes, e Nicolas começou nestes termos:

— Faça uma base de *pâté* quente, como para uma entrada. Prepare uma enguia grande e corte-a em postas de três centímetros. Ponha as postas de enguia numa caçarola, com vinho branco, sal e pimenta, cebola às rodelas, ramos de salsa, tomilho, louro e um dente de alho. Não consegui cortá-lo como gostaria — disse Nicolas —, a pedra de amolar está demasiado gasta.

— Hei de mandar trocá-la — disse Colin.

Nicolas continuou:

— Leve a cozer. Retire a enguia da caçarola e coloque-a numa frigideira. Passe o cozimento por uma peneira de seda, acrescente erva-espanhola e deixe apurar até o molho se agarrar à colher. Passe

pela peneira, cubra a enguia com o molho e deixe ferver durante dois minutos. Disponha a enguia no *pâté*. Faça um cordão de cogumelos à volta do *pâté*, ponha ao meio um feixe de lácteas de carpa. Tempe-re com a porção do molho guardada para o efeito.

— Está bem — aprovou Colin. — Penso que o Chick vai gostar.

— Não tenho a vantagem de conhecer o senhor Chick — concluiu Nicolas — mas, se ele não gostar, para a próxima vez farei outra coisa, e o facto permitir-me-á situar, com uma quase-certeza, a ordem espacial dos seus gostos e não-gostos.

— Taclaro!... — disse Colin. — Vou deixá-lo, Nicolas. Vou tratar da mesa.

Tomou o corredor em sentido contrário e atravessou a copa para ir parar à sala-de-jantar-e-estar com um tapete azul-pálido e paredes bege-rosadas que eram um repouso para os olhos abertos.

Com cerca de quatro metros por cinco, a sala ia buscar luz à avenida Louis Armstrong através de dois vãos alongados. Espelhos sem estanho deslizavam por sobre as paredes e consentiam a entrada dos perfumes da primavera quando existiam no exterior. Uma mesa de carvalho ocupava um canto do lado oposto da sala. Duas banquetas em ângulo reto, correspondentes a dois lados da mesa, e cadeiras com almofadas de marroquim azul a condizer ornamentavam os dois lados livres. O mobiliário da sala ainda incluía um móvel comprido e baixo, adaptado a discoteca, um gira-discos das mais avantajadas proporções e um móvel, simétrico do primeiro, contendo físgas, pratos, copos e os outros utensílios que os civilizados usam para comer.

Colin escolheu uma toalha azul-clara, a condizer com o tapete. No meio do tampo colocou um centro de mesa constituído por um frasco de formol com dois embriões de frango que pareciam mimar o *Espec-tro da Rosa* na coreografia de Nijinski. À volta, alguns ramos de mimosas dispostas em fita: o jardineiro de uns amigos seus obtinha-as pelo cruzamento da mimosa às bolas com as tiras de alçaçuz preto que encontramos nas capelistas, à saída da escola. Tirou dois pratos por pessoa, de porcelana branca com embutidos de ouro transparente em forma de cruz, e um talher de aço inoxidável com cabos rendados onde havia, para dar sorte, uma joaninha embalsamada e isolada entre duas placas de resina sintética. Acrescentou taças de cristal e guardanapos dobrados em forma de chapéu de cura, que era coisa para levar

certo tempo a fazer. Mal deu por terminados estes preparativos, a campainha saltou da parede e preveniu-o da chegada de Chick.

Colin desfez uma ruga da toalha e foi abrir.

— Como vais? — perguntou Chick.

— E tu? — replicou Colin. — Tira o impermeável e vem ver o que o Nicolas está a fazer.

— O teu novo cozinheiro?

— Sim — disse Colin. — Troquei o antigo pelo da minha tia e por um quilo de café belga.

— É bom? — perguntou Chick.

— Tem ar de quem sabe o que faz. É discípulo de Gouffé.

— O homem da mala? — inquiriu Chick horrorizado. E o seu pequeno bigode preto abaixou-se tragicamente.

— Não, pateta, Jules Gouffé, o famoso cozinheiro!

— Oh, sabes!, eu... — disse Chick —, à exceção de Jean-Sol Partre, não leio grande coisa<sup>2</sup>.

Seguiu Colin pelo corredor lajeado, acariciou os ratos, e de passagem pôs no isqueiro algumas gotículas de sol.

— Nicolas — disse Colin ao entrar —, apresento-lhe o meu amigo Chick.

— Boa noite, senhor — disse Nicolas.

— Boa noite, Nicolas — respondeu Chick. — Não tem, por acaso, uma sobrinha chamada Alise?

— Tenho, sim senhor — disse Nicolas. — Aliás, uma bonita rapariga, se me atrevo a proferir tal comentário.

— É muito parecida consigo — disse Chick —, apesar de haver algumas diferenças a respeito do busto.

— Sou bastante largo — disse Nicolas —, mas ela é mais desenvolvida no sentido perpendicular, se o senhor tiver a bondade de me permitir tal precisão.

— Claro que sim — disse Colin —, estamos quase em família. Não me contou que tinha uma sobrinha, Nicolas.

— Senhor, a minha irmã degenerou — disse Nicolas. — Andou a estudar filosóficas. Não são coisas de que uma família orgulhosa das suas tradições goste de se gabar...

— Oh!... — disse Colin. — Acho que tem razão. De qualquer forma compreendo-o. Ora mostre lá esse *pâté* de enguia...